

TÓ

REVISTA DE  
PSICANÁLISE

PI  
CA

N.12

ANO 12  
NOVEMBRO.2023  
MACEIÓ.AL  
BRASIL

ISSN 1980-8992

“TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO ‘TOPOV’, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,  
POR ZEFERINO ROCHA

**PRESIDENTE**

Lenilda Soares Estanislau  
de Almeida

**VICE-PRESIDENTE**

Fernando Barbosa de Almeida

**TESOUREIRA**

Maria Edna de Melo Silva

**SECRETÁRIA**

Izaura Maria Wanderley Brito

**COORDENADORA DA COMISSÃO  
DE FORMAÇÃO PSICANALÍTICA**

Nádima Carvalho Olímpio da Silva

**COORDENADOR DA COMISSÃO  
DE COMUNICAÇÃO**

Esperidião Barbosa Neto

**COORDENADORA DA COMISSÃO  
CIENTÍFICA**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo

**COMISSÃO CIENTÍFICA  
E EDITORIAL**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo  
Heliane de Almeida Lins Leitão  
Nidyanne Porfirio da S. Pires

**PROJETO GRÁFICO/  
DIAGRAMAÇÃO**

Estúdio Grão  
estudiograo.com

**FOTO DE CAPA**

Michel Rios



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo  
Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

R. Dr. Ciridião Durval, 47 - Parque Gonçalves Lêdo, Farol

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

[www.gpal.com.br](http://www.gpal.com.br)

[gpalmaceio@hotmail.com](mailto:gpalmaceio@hotmail.com)

Instagram: [gpalmaceio](https://www.instagram.com/gpalmaceio)

# ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O FILME *ELA*<sup>1</sup>

SARA GUIMARÃES NUNES

Psicóloga, psicanalista, membro do GPAL e pós-graduada em Psicanálise de Orientação Lacaniana pelo Instituto de Psicanálise da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), Seção Bahia. E-mail: saragnunes25@gmail.com.

## RESUMO

O filme *Ela* (Her), lançado no Brasil em 2014, nos possibilitou fazer algumas considerações psicanalíticas a partir da trama do protagonista, seu modo de estar no mundo e o viés da psicanálise quando ressaltamos como têm-se apresentado os laços sociais na contemporaneidade. O ser falante encontra-se prisioneiro do imediatismo, imerso no imperativo da busca de satisfações. Notamos, neste estudo, que o desamparo inerente ao ser humano, tomado pelo imediatis-

mo, leva-o ao isolamento em que os vínculos sociais tornam-se menos importantes. A incessante oferta da indústria de tecnologia apresenta objetos que fascinam o sujeito – pela rapidez de respostas às demandas do usuário ou pela captura imaginária dos efeitos em tê-los e de sentir-se pertencente a determinado grupo. Esses gad-

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GPAL, durante a atividade Sextas de Psicanálise, em 12 de agosto de 2022.

gets da sociedade contemporânea, sintomas do delírio funcional que toma o objeto como fonte de satisfação, prestam-se a um engodo, se pensados como objetos que tamponarão o vazio inerente à condição humana.

**Palavras-chave:** laços sociais; vazio; uso de tecnologias.

## ABSTRACT

The film *Her*, released in Brazil in 2014, allowed us to make some psychoanalytical considerations based on the plot of the protagonist, his way of being in the world and the bias of psychoanalysis when we highlight how social ties have been presented in contemporary times. The speaking being is a prisoner of immediacy, immersed in the imperative to seek satisfaction. In this study, we noted that the helplessness inherent in human beings, taken over by immediacy, leads them to isolation in which social bonds become less important. The incessant supply of the technology industry presents objects that fascinate the subject – because of the speed with which they respond to the user’s demands or because they capture the imaginary effects of having them and feeling part of a certain group. These gadgets of contemporary society, symptoms of the functional delirium that takes the object as a source of satisfaction, lend themselves to deception if they are thought of as objects that will fill the void inherent in the human condition.

**Keywords:** social ties; emptiness; use of technology.

*Her (Ela, em português):* uma história de amor

Pretendemos, neste artigo, tecer algumas evidências psicanalíticas sobre o filme *Ela*, assinalamentos que nos foram possíveis.

“Nenhum homem é uma ilha”, disse o poeta inglês John Donne há alguns séculos. A ideia de que ninguém vive sozinho e de que o ser humano foi criado para conviver em sociedade, portanto, não é um conceito novo; é algo tão enraizado na nossa cultura que o fato de alguém estar sozinho ou se sentir dessa forma nem sempre é bem visto. Porém, é possível encarar a solidão como algo criativo, que pode gerar prazer. Estar só não é sinônimo de fracasso social.

O mundo contemporâneo é globalizado e interconectado; a internet quebrou várias barreiras impostas pela distância, facilitando a comunicação entre parentes, amigos e colegas de trabalho que vivem em lugares fisicamente separados por milhares de quilômetros. Porém, mesmo com a facilidade existente para interagir no ambiente

*on-line*, alguns se consideram “solitários”. Vale dizer que as aproximações cada vez mais intensas com computadores, *smartphones* e outros recursos tecnológicos não substituem as relações interpessoais, tão preciosas à vida de cada um.

Sabemos que há uma incessante oferta da indústria de tecnologia apresentando objetos que fascinam o sujeito – seja pela rapidez de respostas às demandas do usuário ou pela captura imaginária dos efeitos em tê-los e de sentir-se pertencente a um determinado grupo. Porém, esses *gadgets* da sociedade contemporânea, sintomas do delírio funcional que toma o objeto como fonte de satisfação, prestam-se a um engodo, se pensados como objetos que tamponarão a falta ou o vazio inerente à condição humana. A psicanálise ensina-nos que a falta é estruturante e move o desejo de o sujeito seguir criando, reinventando-se. Para Lacan (1960-1961/2010), é um conceito sempre relacionado ao desejo.

Não é nenhuma novidade que a internet está popularizada, assim como os meios para acessá-la; é possível usar não apenas o computador para diversas tarefas, como também um *tablet* ou um *smartphone*, que, por serem portáteis, possibilitam o acesso à *web* de qualquer lugar com sinal de internet. Não há espera; “tudo parece estar à disposição”. Desse modo, os *gadgets* passam a fazer parte do corpo do sujeito, da sua vida cotidiana. Recordam a sensação de desespero e desamparo

quando saímos sem celular ou não levamos o carregador? E quando somos surpreendidos pela operadora da internet por alguma interrupção de sinal?

É importante deixar claro que não estou definindo a comunicação *on-line* como a grande vilã dos tempos modernos. Não há dúvida de que a internet é uma excelente ferramenta para vários propósitos, mas interessa-nos, enquanto psicanalistas, escutar como cada sujeito que nos procura para acompanhá-lo em análise relaciona-se com esses e com outros objetos; como cada um, na sua singularidade, diz-nos do seu modo de gozo, isto é, vir a saber, analista e analisante, à medida que este associa livremente a função do seu gozo como defesa diante da castração, da falta. O sujeito pensa não conseguir desapegar-se de vínculos que o fazem refém e paralisam sua vida e, muitas vezes, pensa-se incapaz de inventar uma solução singular, um modo de nomear e de se arranjar com o Um sozinho.

*Ela* é um filme de 2013, com roteiro e direção do estadunidense Spike Jonze, que aborda uma história de interação entre seres humanos e máquinas. Theodore, o pro-

tagonista, é um brilhante redator de cartas de amor de uma empresa que se encontra separado da esposa há um ano. Solitário, isolado das pessoas de um modo geral, ele escolhe ocupar-se jogando vídeo-game e interagindo em salas virtuais de bate-papo de cunho sexual. Sem que essas ocupações o satisfaçam, Theodore decide adquirir um sistema operacional, uma inteligência artificial, a fim de ajudá-lo a se organizar – ao menos, é isso o que diz inicialmente.

Samantha, como se apresenta a voz feminina e sensual da inteligência artificial, disponibiliza-se a ouvi-lo sempre que é chamada. Com o tempo, as demandas de Theodore intensificam-se. Ele e Samantha acabam se apaixonando e, cada vez mais conectados, palavras que denotam ciúmes começam a aparecer em seus diálogos.

O sentimento de posse também se presentifica. Diante de uma contingência do sistema operacional, a voz de Samantha desaparece e Theodore não consegue, por um curto espaço de tempo, contactá-la, o que o deixa atônito, desesperado – e, por que não dizer, desamparado diante da possibilidade de perdê-la. Esse intervalo que marcou o desencontro dos dois provocou em Theodore uma ruptura, uma descontinuidade (de sentido). É quando ele se dá conta de que onde se encontra sentado, tentado reconectar-se à Samantha, circulam pessoas que também estão acompanhadas de seus

assistentes virtuais, através de fones de ouvido.

Tornam-se claros o vínculo amoroso e a dependência de Theodore da voz feminina que o atendia sem limites de tempo, com total disponibilidade, a qualquer horário. Agora, não mais. Não é sem sofrimento que Theodore deseja saber se Samantha fala com outras pessoas; saber que, para além dele, ela tem outros interesses e outras ocupações o impacta, deixando-o desnortado.

O equívoco em se pensar único nos vínculos amorosos é próprio dos seres falantes ou *falasser* (expressão usada por Lacan para os seres de linguagem). São demandas de amor tomadas pela ilusão ou crença de “dois fazer um”, de unificação, de complementariedade (Lacan, 1956-1957/1985).

Os seres de linguagem ou *falasser* sofrem demasiadamente pela busca incessante por um objeto que dê conta de obturar a falta que sentem. Algumas vezes, manter-se nessa ilusão custa caro em todos os sentidos, como adverte-nos Lacan (1957-1958/1999) no livro 5 de *O Seminário: as formações do inconsciente*: “[...] paga-se com uma libra de car-

ne [...]” – essa expressão foi cunhada por Lacan a partir de um clássico da literatura de William Shakespeare, *O Mercador de Veneza*, uma comédia que se passa no século XIV. É essa parte da trama que nos interessa, referente à cláusula do contrato que diz, claramente, que seu não cumprimento acarreta que a dívida seja paga com a carne.

Esforçando-se para encontrar sua cara-metade, na ilusão de completude, os *falasser* buscam tamponar a falta, o vazio próprio da condição humana. Quem nunca ouviu alguém dizer: “Encontrei minha alma gêmea!”? Mas o que significa isso?

O mito da alma gêmea foi criado por Platão, em seu livro *O Banquete*, que tenta definir o que é o amor. Os convidados dessa festa, um por vez, fazem um elogio a Eros (deus do amor). No entanto, um dos momentos mais fascinantes do texto é quando toma a palavra o comediógrafo Aristófanes. Ele faz um discurso belo e que se immortalizou como Teoria da Alma Gêmea (Platão, 2012).

Aristófanes começa dizendo que, no início dos tempos, os homens eram seres completos, de duas cabeças, quatro pernas e quatro braços, o que permitia a eles um movimento circular muito rápido para se deslocar. Considerando-se seres tão bem desenvolvidos, os homens resolveram subir aos céus e lutar contra os deuses, destronando-os e ocupando seus lugares. Todavia, os deuses venceram a batalha e Zeus resolveu castigar os homens

por sua rebeldia. Tomou na mão uma espada e cindiu todos os homens, dividindo-os ao meio. Zeus ainda pediu ao deus Apolo que cicatrizasse o ferimento (o umbigo) e virasse a face dos homens para o lado da fenda, para que observassem o poder de Zeus.

Dessa forma, os homens caíram na Terra novamente e, desesperados, cada um saiu à procura da sua outra metade, sem a qual não viveriam. Tendo assumido a forma que nós temos hoje, os homens procuram sua outra metade, pois a saudade nada mais é do que o sentimento de que algo nos falta, algo que era nosso antes. A história de amor entre Theodore e Samantha enredou-nos a tecer essas considerações sobre o amor a partir do olhar da psicanálise.

E o amor, o que tem a ver com a falta? O que é o amor? O amor, para a psicanálise, é a falta. Vamos lá: Lacan (1960-1961/2010) adverte-nos, com um de seus aforismas, no livro 8 de *O Seminário: a transferência*: “Amar é dar o que não se tem a quem não pediu ou a quem não o quer”. No seu último ensino, Lacan (1960-1961/2010) dirá: “O amor é dar o que não se

tem a quem não é” – o SER, para a psicanálise, é de ficção.

Esse aforismo lacaniano trata do amor. Emerge a pergunta: para a psicanálise lacaniana, o que é o amor? E segue-se a resposta: dar o que não se tem... A alguém que não quer. O isso quer dizer?

Lembremos que todo sujeito da psicanálise assenta-se sobre um conceito fundamental: a falta. Neste sentido, não existe nenhuma essência ou conteúdo positivo de cada um; existe apenas uma falta com a qual tentamos lidar constantemente. Isso nos traz a engraçada condição de sermos sempre deslocados do nosso próprio centro, ou seja, de uma perspectiva lacaniana, não somos “seres racionais”, mas sim seres cuja razão é uma forma de lidar com a realidade. É uma forma como todas as outras o são.

Não há nada de especial na razão. Poder-se-ia dizer que a razão é o que adoce o homem e isso nos remete ao paciente de Lacan que, ao ser apresentado perante seu público, foi diagnosticado com o pior dos males, segundo o próprio Lacan: a normalidade. Assim, sendo a normalidade algo normativo, é algo consciente que vai de encontro às pulsões inconscientes.

Inconsciente é um conceito que fornece o quadro de um homem que não existe numa definição específica. Isso quer dizer que não existe nada que o determine diretamente, a não ser seu inconsciente. É sob a perspectiva

de um inconsciente que se estrutura como uma linguagem e que, portanto, expressa-se com certo encadeamento que se pensa o determinismo da psicanálise.

Isso implica que sempre rodamos em torno dessa falta que nos constitui. Somos, assim, um vazio, e nossa forma de viver no mundo é o simples lidar com esse vazio, sem nunca preenchê-lo completamente. Esse vazio, quando expresso a partir de uma linguagem (quer seja um sintoma, quer seja a linguagem falada, quer seja a arte), é o que se chamará *desejo* – e, por ser o desejo o constituinte do movimento da vida, deve também ser inesgotável. Assim, cada ato humano, bem como cada construção psíquica ou material, é apenas uma forma de lidar com essa falta que, entretanto, nunca se fecha completamente. Resta a pergunta: e o que tem isso a ver com o amor?

A frase “amar é dar o que não se tem” desvela, precisamente, o momento em que o sujeito busca dar à sua falta aquilo que o constitui ao outro. Dar à falta significa encontrar-se em posição de dar o seu próprio ser a outrem, a partir de uma perspectiva de liberdade.

Cito a despedida de Samantha e Theodore. Ele indaga por que ela vai embora. Ela diz:

“É como se eu estivesse lendo um livro. E é um livro que eu amo profundamente. Mas eu o estou lendo lentamente agora. Então, as palavras estão espaçadas e os espaços entre as palavras são quase infinitos. Eu ainda sinto você e as palavras da nossa história, mas agora eu me encontro nesse espaço infinito entre as palavras. É um lugar que não pertence ao mundo físico. É onde está tudo o mais que eu nem sabia que existia. Eu amo muito você, mas é aqui que eu estou agora. E esta é quem sou agora. E eu preciso que você me deixe ir. Por mais que eu queira, não posso mais viver no seu livro.”

Dito de outra forma, dar o que não se tem é exatamente olhar para outrem e querer que sua falta seja a suficiência do outro. Essa, entretanto, é a causa ou o movimento do amor. O efeito é sentido, geralmente, como o de o amado ser aquele por cujo olhar nos vemos belamente. O amor é, portanto, especular (como num espelho): queremos doar a nossa falta a alguém e nos colocar sob o olhar desse alguém como um objeto amado.

## REFERÊNCIAS

Her (2013). Direção: Spike Jonze. Estados Unidos: Annapurna Pictures/Sony Pictures. 1 DVD (126min).

Lacan, Jacques (2005). *O Seminário: a angústia*. Livro 10. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado entre 1962-1963).

Lacan, Jacques (1985). *O Seminário: a relação de objeto*. Livro 4. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado entre 1956-1957).

Lacan, Jacques (2010). *O Seminário: a transferência*. Livro 8. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado entre 1960-1961).

Lacan, Jacques (1999). *O Seminário: as formações do inconsciente*. Livro 5. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado entre 1957-1958).

Platão. (2012). *O Banquete*. São Paulo: Edipro.

Fontes : Família Gotham e Leitura News  
Maceió, novembro de 2023  
Publicado originalmente em novembro  
de 2023 em [www.gpal.com.br](http://www.gpal.com.br)



